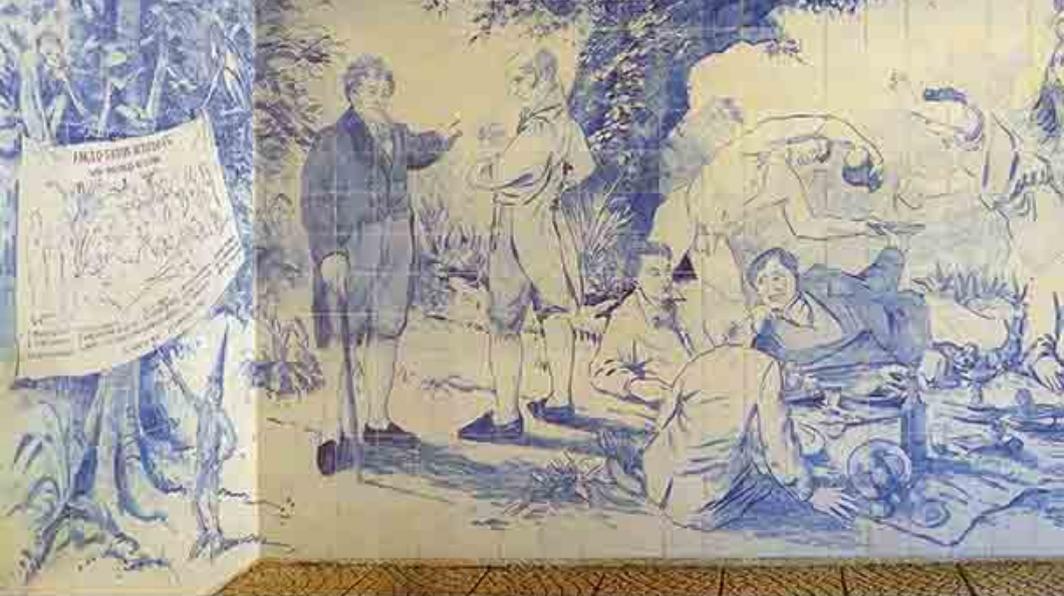


ESCRITORES INGLESES EM SINTRA

texto: Maria Pires
ilustração: J. Bernarda Schell



Sintra, desde a sua reconquista aos Mouros no século XII, foi sempre habitada por ingleses, embora estes nunca tenham reivindicado para si o território.

Seria quase impossível encontrar entre os actuais residentes, um que desconheça que Lord Byron começou aqui a compor o seu poema épico *Child Harold*, bem como alguns versos enaltecendo Sintra (isto antes de fugir para Espanha, alegadamente para escapar a um fidalgo irado por ele se ter declarado à sua esposa, como, aliás, era seu hábito).

A história da literatura inglesa em Sintra é muito mais vasta e intrigante, sendo retratada praticamente em tamanho natural nos azulejos de John O'Connor, o Artista anglo-irlandês que vive e trabalha em São Pedro de Sintra.

Aqui foi onde, na década de 30, Christopher Isherwood escreveu *Goodbye to Berlin*, que Hollywood transformaria, mais tarde, no clássico musical *Cabaret*.

Stephen Spender seguiu-lhe o exemplo mas também partiu para Espanha à pressa (como protesto por alguém ter retribuído a um cachorrinho a dentada que tinha recebido).

O poeta W. H. Auden veio de Inglaterra para ficar com Isherwood numa casa de campo em São Pedro de Sintra. Era frequente vê-los, logo de manhã, a trepar pelos íngremes penhascos da Serra de Sintra, com o único propósito de se «ambientarem» para a peça que estavam a escrever sobre alpinistas *The Ascent of F6*, a qual se tornou um êxito no *West End* londrino, sendo alguns dos seus textos muito usados nos exames pré-universitários de Literatura Inglesa.

À noite, Auden e Isherwood costumavam ir até ao Estoril, para se juntarem às idosas senhoras inglesas e aos nobres exilados da Europa do Leste que frequentavam o Casino. Foi aí que, durante a Segunda Guerra Mundial, Ian Flemming, na altura



agente dos Serviços Secretos britânicos, conheceu à mesa de jogo o espião por conta própria, Dusko Popov. Popov segurava na mão um Martini «batido mas não mexido». Fleming encontrou em Popov a inspiração para a personagem de James Bond, cuja estreia aconteceu em *Casino Royale*.

Graham Greene foi o responsável pela secção portuguesa dos Serviços Secretos britânicos durante a guerra. Tal como os generais costumam fazer, ele comandou o seu exército à distância, desde o elegante bairro de St. James, em Londres. Tendo-se demitido pouco antes do fim da guerra, escreveu um argumento baseado nas suas experiências enquanto agente secreto. Foi proibido, na sua totalidade, pela censura.

Vinte anos mais tarde, alterando a localização e a época, voltou a escrever este argumento que foi publicado e deu origem ao filme *Our Man in Havana*. A personagem central ainda é viva e mora em

Sintra. Nesta história, Greene retrata-se a si próprio como o Chefe, um homem ligeiramente mal-humorado, distante e dispéptico.

Depois da guerra, Greene começou a passar parte do Outono em Sintra, sempre acompanhado pelo seu amigo e consultor espiritual Padre Duran, um frade capuchinho espanhol. O Padre Duran era muito baixo, o que levou a que os anglo-portugueses de Sintra se referissem a ele como o «padre de bolso do Graham». Greene retratou-o na sua comédia *The Travels of Father Quixote*.

Greene e o Padre Duran costumavam ficar alojados na lindíssima casa que os seus amigos, os Newalls, tinham alugado à Duquesa do Cadaval. Na altura da primeira visita de Greene, os seus ex-agentes em Sintra estavam ansiosos por revê-lo mas, apesar de terem sido recebidos com toda a pompa e circunstância, acharam-no ainda mais brusco e mal humorado que antes. Posteriormente, as suas visitas ▶

passaram a ser receadas por todos.

Sir Kingsley Amis tornou-se famoso nos anos 50, como fundador do movimento dos *Angry Young Men* («jovens irados») ingleses. A sua reputação desde então baseia-se, parcialmente, nas ofensas que causa às pessoas sobre quem escreve.

O seu romance policial, *I Like It Here*, cuja acção se desenrola no Estoril e em Sintra, é uma sátira mordaz à classe-média baixa anglo-portuguesa, embora retrate de modo solidário o próprio povo português, e todas as suas privações, durante anos do regime salazarista.

Henry Fielding foi o pioneiro do romance moderno; tanto Amis como Eça de Queiroz concordaram com esta afirmação. Fielding decidiu deixar Londres e emigrar para Portugal, pois detestava o facto de o mês Outubro chegar sem ter havido verão. *Journal of a Sea Voyage to Lisbon*, é o hilariante relato escrito desta sua viagem, que demorou várias semanas. Segundo as suas palavras, Sintra era o melhor lugar do mundo para escrever. Infelizmente, ainda mal tinha começado o seu novo romance quando morreu vítima por uma doença do fígado, causada pelo álcool.

Robert Southey, o poeta romântico inglês, também fixou a sua residência em Sintra. Tecendo grandes elogios, entre outras coisas, ao vinho de Colares e ao pão salato, incitou William Wordsworth a conduzir a migração de românticos para Sintra. Dorothy Wordsworth foi de opinião



que a comunidade de comerciantes ingleses tinha negligenciado a canga de Henry Fielding; regressou no primeiro barco (levando William Wordsworth com ela) e escreveu um panfleto no qual criticava os comerciantes ingleses, chamando-os Filisteus. □

As personagens do mural são, da esquerda para a direita: Robert Southey; William Wordsworth; Stephen Spender; Heinz, amante de Christopher Isherwood; Isherwood; Kingsley Amis; Angus Wilson, autor de *Anglo-Saxon Attitudes*, que passou aqui a sua infância; Graham Greene, Ian Fleming; Alfred Lord Tennyson; Lord Byron; Henry Fielding

1. Robert Southey e William Wordsworth
2. Stephen Spender e Christopher Isherwood
3. Graham Greene, Ian Fleming e Alfred Lord Tennyson
4. Pormenor com escritores retratados no painel